



INFORMATIVO APOEMA

www.apoema.com.br ANO 5 - VOL178 - 2/DEZ-2013

Última edição de 2013

Por um 2014 mais sustentável, com menos desperdício Bere Adams

Quando o assunto é desperdício, o Brasil desponta no 1º lugar do ranking mundial, comprovando que se trata de um tema pouco levado a sério no país do pau-brasil, árvore que há muito tempo está fadada a extinção.

Os índices de desperdício, em todos os setores, disparam e aceleram cada vez mais rumo ao insustentável, quer seja na área de alimentos, de energia, de água, até mesmo no setor de medicamentos.

Pesquisas indicam que o nosso país desperdiça a cada ano mais de R\$ 12 bilhões em alimentos que poderiam saciar a fome de 30 milhões de pessoas carentes. Indicam mais pasmem - que nós, brasileiros jogamos mais alimentos fora do que comemos. Em relação à água e à energia elétrica as perdas são tantas que colocam em risco o abastecimento, no futuro. Aproximadamente 20% de toda energia elétrica produzida no Brasil é desperdiçada, e entre 25% a 40% de água são desperdiçados em vazamentos das tubulações e pelo mau uso por parte da população. Ainda na área da construção civil, a perda fica com a média de 30% com areia, cimento, tijolos, azulejos, madeiras, pregos e outros materiais.

Enfim, o desperdício geral, no Brasil, é considerado um dos maiores do mundo.

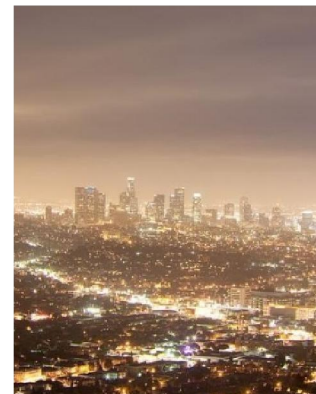
É, não somos apenas o país do futebol, das novelas, mas também somos o país com o maior índice de desperdício do mundo, um triste título que recebemos por negligenciar a logística do que produzimos e consumimos, por falta de consciência, sensibilidade, educação e, mais do que tudo, boa vontade.

No mínimo, estas informações impressionantes, devem nos fazer refletir sobre o quanto o desperdício está presente em nossa vida, e a partir disso, começar a mudar estes índices percentuais para números que possibilitem um mundo mais sustentável, e quanto antes, melhor.

IMAGENS DO
DESPERDÍCIO



Para
Sentir



Fonte: Google imagens



Desperdício de alimentos é mais do que suficiente para acabar com o flagelo global

Por Luciene de Assis - Ministério do Meio Ambiente

Quase um bilhão de pessoas, em várias partes do planeta, passam fome diariamente. E o problema maior nem é a escassez de alimentos, alerta o pesquisador e diretor técnico do Projeto Fome, Fábio Vitta. A questão está no desperdício, diz ele, que apresentou, (...) dados no painel “Resíduos de alimentos, desperdício e combate à fome” no segundo dia da 4ª Conferência Nacional do Meio Ambiente [REALIZADA EM 2010], em Brasília, sob a organização do Ministério do Meio Ambiente (MMA).

De acordo com o relatório do Fundo das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), divulgado em 2010, de 30% a 50% de tudo o que o mundo produz em alimentos vão parar em lixões e aterros sanitários, são incinerados ou servem de alimento a animais. Para Fábio Vitta, o debate é uma oportunidade para mobilizar governo e entes sociais pela responsabilidade social e zelo ao meio ambiente. Ele acredita que a união de forças e o estabelecimento de objetivos comuns podem gerar soluções ambientais e sociais economicamente viáveis, envolvendo a indústria de alimentos e supermercados.

Na plateia, a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, confirmou a seriedade do problema e a urgência de se propor soluções de curto prazo: “Há uma relação injusta na proporção da produção de alimentos e do quanto a gente desperdiça, por isso precisamos compartilhar experiências exitosas, pois a fome é um problema que a gente pode solucionar, situação que os catadores conhecem bem”, disse. “O desafio é monumental e colocar fim à fome é uma questão de dignidade e cidadania”.

De acordo com a representante da Plataforma Sinergia, Rosana Perroti, é urgente reduzir o desperdício de comida, pois tem muita gente passando fome no mundo e uma pessoa com fome não estuda, não gera renda nem consome. “Precisamos compor forças e gerar soluções”, afirmou.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), o mundo gasta, por ano, cerca de R\$ 534 bilhões na tentativa de amenizar o problema da fome. E a perda de alimentos chega à casa dos R\$ 1,5 trilhão. A falta de nutrição, lembra Rosana Perroti, gera um prejuízo cerebral irreversível. “A solução é levar os 50% de alimentos que vão para o lixo para o prato de quem tem fome, tendo por base um modelo capaz de atender à demanda ambiental e social”, salientou. Ela lembrou que alimentar os famintos reduz custos públicos e privados associados, elimina impactos ambientais, gera renda para as

O presidente da Associação Brasileira de Embalagens (Abre), Maurício Groke, lembrou: “Estamos falando de resíduo alimentar”. Nesse sentido, a indústria conta com a ajuda da ciência química, explicou o presidente regional da empresa Novozymes América Latina, Pedro Luiz Fernandes. Ele acredita que, no Brasil, o desperdício é uma questão cultural e depende de educação.

O sócio da Deloitte Touche e Tohmatsu, empresa de origem inglesa, Ives Muller, chamou a atenção para um detalhe: “Fome não tem cor, raça, religião nem nacionalidade”, com o endosso do diretor geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e diretor de Educação e Tecnologia da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Rafael Lucchesi. “Estamos todos sujeitos à fome em situação de catástrofe ou guerra”, insistiu o presidente da Confederação Nacional do Turismo (CNTUR), Nelson de Abreu Pinto.

Fonte: MMA - EcoAgência



DESPERDÍCIO - O conceito de desperdício é característico e inerente a todos os sistemas naturais sendo, no entanto, substancialmente potenciado, a nível global, pela atividade humana. Desperdiçar diz respeito a não utilizar, ou subaproveitar, parte dos recursos disponíveis e mobilizados para uma determinada atividade. FONTE: INFOPÉDIA



“(...) UMA PESSOA COM FOME NÃO ESTUDA, NÃO GERA RENDA, NEM CONSUME” - Exemplo de expressão, que apesar de estar correta, retrata a visão de ser humano da sociedade capitalista/consumista: cuja preocupação em saciar a fome é para que a pessoa se torne um ser produtivo, ao invés da preocupação com a garantir o seu direito de cidadão a uma qualidade de vida que sacie suas necessidades básicas para uma vida saudável. Outro exemplo desta visão, no texto: “que alimentar os famintos reduz custos públicos e privados associados, elimina impactos ambientais, gera renda para as cooperativas e evita o desperdício de recursos naturais”. Mais uma visão realista, fria e calculista (Bere Adams).



DESPERDÍCIO É UMA QUESTÃO CULTURAL- A expressão cultura do desperdício sintetiza perfeitamente o que constitui uma das características mais importantes da modernidade ocidental. Pode-se afirmar, sem exagero, que o produto característico de nossa cultura é o desperdício. Seu componente mais visível é constituído pela acumulação de produtos em bom estado, mas que perderam sua capacidade de serem utilizados e que são substituídos por sucessivas ondas de novos produtos, melhores e mais baratos (...). O Brasil parece ser um dos países latinos mais férteis para o cultivo do desperdício, pois recursos naturais, financeiros, oportunidades e até alimentos são literalmente atirados na lata do lixo, sem possibilidade de retorno. Como sintoma de desorganização e desestruturação, o desperdício está incorporado à cultura brasileira, ao sistema de produção, à engenharia do país, provocando perdas irrecuperáveis na economia, ajudando o desequilíbrio do abastecimento, diminuindo a disponibilidade de recursos para a população (...). A cultura do desperdício se incorporou de tal forma à vida brasileira que nada de concreto é feito para reverter os números absurdos do que se perde o que fez do País o campeão mundial de desperdício. Fonte: www7.unaerp.br/sici/pt/edicoes-antiores/.../505-cultura-do-desperdicio

Para ajudar a fazer nossa relação com nossos alimentos ficar um pouco mais “humana”, passo algumas dicas de especialistas de como contribuir para a diminuição do desperdício:

1- Planeje suas idas ao supermercado. O que e a quantidade do que se compra determina o que e quanto vai ser jogado fora depois... Os lares alemães jogam 21% de tudo o que compram no lixo, o que representa 300 euros e 80 kilos por ano, por cabeça. E o que é pior: quase 1/3 disso nem foi aberto...
Controle o que você põe no carrinho do supermercado!

2- Alimento vencido não significa alimento estragado. Verifique se ainda pode ser consumido usando seus sentidos: visão, olfato, tato e paladar. Só então descarte.

3- Utilize os restos de refeições e procure cozinhar em quantidades “porcionáveis”. Congele, por exemplo, os pãezinhos que não vão ser usados no dia (o pão assado congelado fica como fresco depois de descongelado) ou faça torradinhas.

4- Ensine às crianças a comer o que (elas mesmas) põem no prato, e faça o mesmo!

5- Consuma sustentavelmente:
compre produtos sazonais e regionais, e em lojas locais
compre mais produtos frescos
coma menos carne, porém de melhor qualidade
use meios de transporte sustentáveis para as compras
reduza ao máximo as idas ao restaurante (eles são grandes fontes de desperdícios)
procure consumir alimentos orgânicos
procure saber como seus alimentos são produzidos e faça escolhas conscientes
tenha eletrodomésticos eficientes
Cozinhe economizando energia
use fontes de energia renovável

6- Procure comprar direto do produtor

7- Plante para si mesmo, por exemplo temperos, legumes e frutas
Utilize espaços ao seu redor para plantar alimentos

8- Utilize áreas urbanas para plantação de alimentos

9- Influencie politicamente através do seu consumo

Para saber mais sobre o Save Food (link em alemão):

Fonte: <http://www.hallohellonet.com/tag/cultura-do-desperdicio/>

FATO DESTAQUE



A "cultura do desperdício" que o papa denunciou na revista *Civiltà Cattolica*

Nunca falar do erro, mas procurar sempre o porquê: esta é a verdadeira novidade proposta por Francisco

Roma, 23 de Setembro de 2013 (Zenit.org) Carlo Bellieni

Alguns interpretaram errado as palavras do papa em sua entrevista à *Civiltà Cattolica* e já saíram comentando que "o papa abre a Igreja para isso e para aquilo", ou que "o papa não fala mais de bioética". Errado. O papa fala de abraçar aqueles que erram. Mas com o esforço de reconstrução de um "eu" do homem ocidental, destruído e empobrecido, porque seria absurdo apontar o dedo quando o desastre está dentro de nós.

Ele nos abre o coração para ressoarem palavras antigas e uma urgência que já se propunha há tempos: menos leis e mais cultura que fale ao coração. Temos que olhar primeiro para quem faz errar, em vez de olhar para quem está errado. O papa chama essa cultura desastrosa, que nos leva a cometer erros, de "cultura do descarte", e, como bom médico, tenta curar a doença e não apenas os sintomas. Sintomas como a exploração, o abandono, o aborto. A doença é a cultura do descarte, que faz pensar que há pessoas que devem ser jogadas fora. E isso não é um exagero: há filósofos modernos que argumentam que os bebês e as pessoas com deficiência mental não são pessoas. E se há quem descarta alguém, é porque é desse jeito que vive a sociedade ocidental.

O papa não foge das questões éticas: ele as contextualiza. "Não podemos insistir só nas questões do aborto, do casamento gay e do uso de anticoncepcionais. Isto não é possível. Eu não falei muito dessas coisas, e fui repreendido por isso. Mas quando você fala, tem que ser dentro do contexto". E ele dá o exemplo para todos: nunca falar do erro como se fosse um simples fato de maldade que brota como um cogumelo, mas procurar o porquê: há um porquê a ser combatido e há uma pessoa a ser abraçada. Isto é contextualizar. Sem isso, temos uma pastoral missionária "obcecada com a transmissão incoerente de uma multidão de doutrinas impostas com insistência". Nada precisa ser desarticulado, descon-textualizado.

Voltando à cultura do descarte, registro aqui a satisfação de ver premiada uma frase minha: "o

principal não é a lei, mas a cultura". Por isso, escrevi alguns anos atrás o livro "A gravidez ecológica", em que, juntamente com químicos e ecologistas, em vez de fazer julgamentos éticos negativos sobre os assuntos, eu apontava o dedo para a cultura ocidental, que gera esterilidade ao adiar a idade fecunda obrigatória e ao dar como única solução a incompleta assistência médica. É por isso que, há anos, eu tenho falado e escrito que o problema a resolver é a "cultura do descarte", em que ninguém aceita a si mesmo nem as diferenças.

Dessa cultura também falaram Zygmunt Bauman e muitos ecologistas: uma cultura que produz descartes humanos e descartes urbanos. Escrevi no *Osservatore Romano* em 3 de fevereiro: "A sociedade do descarte consome e joga fora, e faz o mesmo com as pessoas, tornando-se auto-destrutiva. E na primeira era em que o homem produz descartes de forma irresponsável, é significativo o alerta de Zygmunt Bauman: além do descarte urbano, a sociedade do consumo produz também o descarte humano, assemelhados pela suposta inutilidade. Sem respeito pela vida, não se ama o meio ambiente nem o bem do homem, e sem um amor que inclua ambiente e escolhas sociais em favor dos necessitados, a defesa da vida é aleijada. A escolha da vida e a escolha do homem caminham de mãos dadas. Não por acaso, laicos e crentes se uniram em diversas lutas contra a manipulação genética e contra o patenteamento de seres vivos; uma união que poderia continuar em muitas outras áreas da vida, da sua alvorada ao seu ocaso. Não é um encontro impossível".

Da condenação da cultura que faz errar, nasce um abraço a todas as periferias: a periferia de quem comete erros e precisa ser resgatado, a de quem é marginalizado por causa da pobreza, mas também a de quem é marginalizado porque resiste e não aceita descartar. A perseguição acontece em nossas escolas, escritórios, hospitais, contra quem se opõe, com as palavras e com os gestos, a um mundo que descarta. Primeiro a cultura, depois as leis, diz o papa. Esta é a ordem lógica. Os primeiros cristãos não começaram fazendo leis, mas fazendo comunidade, fazendo um mundo novo. As leis foram a consequência óbvia.

Mas não se engane quem acha que o papa olha com bons olhos para aquilo que ele ainda sabe perdoar.

(23 de Setembro de 2013) © Innovative Media Inc.

<http://www.zenit.org/pt/articles/a-cultura-do-desperdicio-que-o-papa-denunciou-na-revista-civiltà-cattolica>

Frases se Papa Francisco na audiência geral. Em perigo a pessoa!

"Caros irmãos e irmãs, hoje gostaria de falar-vos sobre o assunto do ambiente, como já tive oportunidade de fazer em diversas ocasiões."

"Quando falamos de ambiente, da criação, o meu pensamento vai às primeiras páginas da Bíblia no Livro dos Génesis, onde se afirma que Deus pôs o homem e a mulher sobre a terra para que a cultivassem e a cuidassem. E surgem-me estas perguntas: O que quer dizer cultivar e cuidar da terra? Nós estamos mesmos a cultivar e a cuidar da criação?"

"Mas "cultivar e cuidar" não compreende só a relação entre nós e o ambiente, entre o homem e o criado, tem que ver também com as relações humanas. Os Papas falaram de ecologia humana intimamente á ecologia ambiental. Nós estamos a viver um momento de crise; vêmo-lo no ambiente, mas sobretudo no homem. A pessoa humana está em perigo: eis a urgência da ecologia humana!"

"Há homens e mulheres sacrificados aos ídolos do lucro e do consumo: é a cultura do desperdício. Se se avaria um computador é uma tragédia, mas a pobreza, as necessidades, os dramas de tantas pessoas acabam por entrar na normalidade..."

"Há poucos dias atrás, na Festa do Corpus Domini, lemos a parábola do milagre dos pães: Jesus dá de comer à multidão com cinco pães e dois peixes. E o final da parábola é importante: Todos comeram à saciedade e foram recolhidos todos os porções avançadas: doze cestas. Jesus pede aos discípulos que não percam nada: nada de desperdícios."

"Gostaria que tomássemos todos o sério empenho de respeitar a e cuidar da criação, de sermos atentos a cada pessoa, contrastarmos a cultura do desperdício, para promover uma cultura da solidariedade e do encontro."

Fonte:

http://pt.radiovaticana.va/news/2013/06/05/contr_a_cultura_do_desperd%C3%ADcio,_a_ecologia_ambiental_e_humana_-_o/por-698504

Para superar a Sociedade do Lixo e Desperdício

Ricardo Abramovay alerta: Brasil continuará erguendo montanhas de detritos, enquanto políticas públicas não concretizarem princípio do poluidor-pagador por Antonio Martins

Obrigar os poluidores a pagar inclui reabrir debates-tabu. Além disso, abre espaço para avanços sociais, remunerando os catadores pelo trabalho de limpeza urbana.

Um júbilo talvez precipitado espalhou-se, há três anos, entre os que lutam para que o Brasil combata a cultura do lixo e do desperdício. Aprovou-se, após duas décadas de lutas, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Alcançaram-se conquistas importantes – a substituição dos “lixões” por aterros sanitários está em curso. Mas muitos esqueceram-se do principal. Aquela vitória era apenas o primeiro passo para a urgente (e já muito atrasada) adoção de políticas efetivas de reciclagem e reaproveitamento.

O economista Ricardo Abramovay acaba de lançar – com Juliana Simões Speranza e Cécile Petitgand – Lixo Zero, um livro que cutuca feridas incômodas. A obra [disponível em formato eletrônico por apenas R\$ 1,90] lembra que, em termos gerais, o país gera um volume imenso e desnecessário de detritos, que emporcalham as cidades e a natureza, e desperdiçam vasta riqueza, contida no que é toalmente descartado.

Muito além do diagnóstico, o livro vai em busca das causas e saídas. Falta estabelecer efetivamente no Brasil, diz Abramovay, o princípio do poluidor-pagador. Só ele será capaz de desarmar uma cadeia de irresponsabilidade cujas consequências sociais e ambientais são indesejáveis.

Abramovay explica: os custos do processo de reaproveitamento de materiais (separação, coleta, transporte, reaproveitamento) não podem continuar despejados sobre as costas do setor público. Do contrário, a limpeza pública será sempre ineficiente: o volume de lixo produzido por fabricantes e consumidores crescerá rápida e incessantemente.

O caminho é cobrar o setor privado. Do ponto de vista ético, significa responsabilizar quem suja por limpar. Em termos de eficiência, é o único caminho para pressionar os produtores a adotar práticas e métodos mais limpos. Um punhado de setores – pneus e óleos combustíveis, por exemplo – alcançou índices altos de reaproveitamento, mesmo para padrões internacionais. Em outros – eletrônicos, pilhas, lâmpadas –, o trabalho começa.

Mas a própria PNRS é omissa em relação a algo decisivo: as embalagens. Isso permite a inúmeros setores optar pelo descartável (por exemplo, as garrafas pet que infestam e entristecem a paisagem dos rios), onde a alternativa do reaproveitamento (garrafas de vidro retornáveis) seria plenamente viável e já foi usada no passado.

Obrigar os poluidores a pagar inclui reabrir debates-tabu – por exemplo, sobre a justiça e o papel pedagógico das taxas do lixo. Além disso, abre espaço para importantes avanços sociais. Permitirá ao poder público, por exemplo, remunerar os catadores pelo trabalho de limpeza urbana que executam. Estas dezenas de milhares de brasileiros, cuja renda parca provém hoje apenas do que coletam e vendem, não têm hoje condições práticas de recolher, por exemplo, vidro e papel – cujo preço de mercado é irrisório.

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/para-superar-a-sociedade-do-lixo-e-desperdicio-8407.html>

CIRANDA APOEMA:
www.apoema.com.br
www.revistaea.org
www.amigosdanatureza.net
[Http://projetoapoema.blogspot.com/](http://projetoapoema.blogspot.com/)

Informativo elaborado por:
Projeto Apoema: www.apoema.com.br
Edição: Berenice Gehlen Adams
Jornalista Resp.- Alice Gehlen Adams
Mtb 12690
Contato: bere@apoema.com.br
Participe, envie sugestões ou conte sua experiência!